

GT39: Espiritualidade na Cidade

José G Magnani, Carlos Steil

Há algum tempo, os cientistas sociais da religião têm chamado a atenção para o fato de que o campo religioso está se tornando cada vez menos o campo das religiões. Tornou-se recorrente, nos meios escolarizados urbanos, a afirmação de pessoas que se reconhecem como espiritualizadas, mas não religiosas. Neste mesmo sentido, a interpretação dos dados do Censo/2010, relativos aos 8% dos que se declaram sem religião, tem destacado que esta porcentagem pode abrigar muitas pessoas que têm práticas espirituais fora do enquadramento institucional das religiões estabelecidas. A experiência que temos nos campos da antropologia urbana e da religião mostra que têm sido recorrentes pesquisas etnográficas sobre práticas espirituais e rituais de indivíduos e grupos que se definem em oposição às formas institucionalizadas de presença da religião na sociedade ou que se reproduzem, incorporando o mínimo de organização institucional. Reunir e pôr em diálogo algumas destas pesquisas e estimular o debate sobre a incidência e implicação destas experiências na reconfiguração do campo religioso na cidade, é o objetivo deste GT.

Liberdade e alienação nas práticas mindfulness: notas de um itinerário antropológico por entre exercícios espirituais na urbe contemporânea

Autoria: Sérgio Gonçalves de Amorim

Pierre HADOT afirma que desde o advento da modernidade, os sujeitos têm se esquecido de viver. O tempo é feito escasso, e em geral as pessoas têm se desvinculado do momento presente: o único tempo em que a vida se processa de fato, situação reconhecida em vários sistemas meditativos e outras formas de exercícios espirituais, estes conceituados por HADOT como meios de transformação pessoal e coletiva, criados pela humanidade. Nas sociedades ocidentais, e em particular, na sociedade brasileira, nos últimos 50 anos, há uma emergência de técnicas meditativas, o que parece ser uma reação de segmentos da população à "falta de tempo para viver", acentuada na atual "condição pós-moderna" (David HARVEY) e na sociedade do cansaço (Byung-Chul HAN). Desde os anos de 1970, há uma confluência entre Ciência e Religião que tem resultado nas denominadas práticas mindfulness, traduzidas como "atenção plena", oriundas, sobretudo, do zen, do budismo e hinduísmo, e adaptadas clinicamente para situações diversas das sociedades contemporâneas urbanizadas, preconizando certo estilo de vida de se "estar no momento presente" como fundamento para saúde física e mental (Jon KABAT-ZINN). Trata-se, nesta pesquisa, de um caminhar antropológico em torno às maneiras de viver que têm caracterizado, em parte, as figuras místicas em diversas culturas, atuais e passadas, mas que têm em comum certos usos do corpo, da mente e emoções, que configuram uma totalidade que Richard SHUSTERMAN denomina de soma, e para qual propõe uma filosofia mindfulness como exercício, autorreflexão e instrumento de pesquisa. Expõe-se alguns dos resultados de um itinerário antropológico por entre grupos de praticantes de mindfulness, que têm como fulcro o desfrutar do momento presente, e tudo que a vida nele contém, o que forma um modo típico de existir a partir de uma reflexão sistemática orientada a melhor viver, ou uma filosofia de vida, por vezes tida como religiosa, por outras como espiritualista ou ainda laica. Os diversos sistemas culturais que preconizam uma vida vivida no momento presente, e que se amalgamam nas atuais práticas urbanas de mindfulness, apontam para determinada forma de viver a totalidade da vida disponível ao soma. Há que ser crítico, no entanto, pois que ainda que popularizadas tais práticas de atenção plena, têm sido poucos os praticantes a compreender a riqueza dessas como ação libertária, e muitos os que tentam subvertê-las às formas de sujeição às condições de exploração capitalista, em afirmação do status quo, particularmente das classes

altas e médias urbanas brasileiras, como verificou-se no percurso antropológico desta pesquisa.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

